

EVENTOS

POR UMA ONTOLOGIA HISTÓRICA DE NÓS MESMOS:
IMPLICAÇÕES SOBRE OS DESDOBRAMENTOS ÉTICOS E POLÍTICOS
A PARTIR DA LEITURA FOUCAULTIANA SOBRE KANT★

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler★★

Palavras-chave: *Ontologia Histórica de Nós Mesmos; Michel Foucault; Kant.*

What is Enlighthenment? Esta é a pergunta que Foucault se faz em 1984 curiosamente o ano de sua morte. No enunciado deste questionamento encontra-se um duplo efeito: o primeiro é retomar a pergunta formulada por Kant no século XVIII. E o segundo é reinscrever a problemática da *Aufklärung* para pensar o tempo presente. O presente trabalho detém-se sobre este texto de Foucault inserindo-o numa problematização ética que recai sobre aquilo que Foucault chamou de *ontologia histórica de nós mesmos* como crítica radical do tempo presente, como prática de liberdade e como modo de subjetivação. Para Foucault a relevância do texto kantiano intitulado *was it Aufklärung?* Consiste no fato de que essa é uma questão a qual todo o pensamento moderno e contemporâneo não pôde se furtrar a responder. Dentro da história do pensamento, essa inquietante pergunta permanece sem solução. A leitura praticada por Foucault em relação a esse texto de Kant aponta suas conclusões para uma atualização do papel da crítica na contemporaneidade. Se outrora este conceito fora utilizado somente pelos domínios de uma lógica formal e de uma epistemologia como critério de um ceticismo filosófico, agora a crítica deve ser pensada como atitude-limite ou seja como ruptura prioritária da atividade intelectual na luta contra toda forma de arbitrariedade possível. A consequência maior desta atitude-limite define-se pelo fato de que a crítica assume um teor prioritariamente histórico que compõe as práticas, os jogos os discursos e os modos de estetização de existência responsáveis por fazer do sujeito aquilo que ele é. Isto seria o próprio entrecruzamento da genealogia com a arqueologia. Neste sentido, uma ontologia histórica de nós mesmos não é a tentativa de vislumbrar qualquer projeto utópico de liberdade ou de razão universal. Ela ocupa um papel que está inserido numa atitude-experimental de liberdade. Neste sentido, ela não reivindica a liberdade, mas a exerce pelos domínios das rupturas, das práticas de transgressão e dos modos de resistência. É portanto uma prática de liberdade inserida numa substância ética e no exercício do sujeito sobre si mesmo. Entretanto, resta empreender um último questionamento: quais são os limites que podemos transpor?

*Trabalho apresentado no Primer Congreso de la Sociedad Filosofica del Uruguay em Montevideó entre os dias 10, 11 e 12 de Maio de 2012.

★★ Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2006). Atualmente é consultor de programas e projetos sociais do Grupo de Apoio e Prevenção a Aids de Criciúma e professor horista - Faculdades Integradas de Lages.
E-mail: diazsoler@gmail.com

